

QUANDO O ATO DISSOLVE A ANGUSTIA

Maria Luiza Mota Miranda

As primeiras considerações de Freud sobre a droga situavam-na como um substituto do impulso sexual, sendo a masturbação o “grande hábito, o vício primário”. Assim, as outras drogas só adquiriam existência enquanto “sucedâneas e substitutas” desta (Freud, 1898).

A leitura de Freud (1912) sobre a masturbação colocavam-na em um plano em que esta não se igualava à atividade sexual em geral, “estando pois sujeita a certas condições limitadas”. Em *Contribuições a um debate sobre a masturbação* (1912), esta será a causa das neurastenias inscritas no quadro das neuroses atuais. Aí, ele defendia uma distinção entre as psiconeuroses e as neuroses atuais, na qual os sintomas das neuroses atuais “não podem ser analisados”, “não admitem ser remontados, histórica ou simbolicamente, a experiências operantes e não podem ser compreendidos como substitutos da satisfação sexual, ou como conciliações de sintomas sexuais opostos, como é o caso dos sintomas psiconeuróticos”. “Não posso encarar a gênese dos sintomas das neuroses atuais senão como tóxica”, ele nos dizia (1912).

As neuroses atuais, ou seja, a neurastenia, a histeria de angústia e a hipocondria, consideradas como neuroses do momento presente, eram caracterizadas pela acumulação de excitação psíquica, que não se transformava em sintoma. A etiologia e o mecanismo de formação dos sintomas era somático e não psíquico, não havendo a mediação significativa encontrada na formação dos sintomas das psiconeuroses. Se a neurastenia é um estado do sistema nervoso no qual a masturbação excessiva é o seu agente causador, tratando-se de um funcionamento sexual incapaz de resolver de forma adequada a tensão libidinal; na neurose de angústia, onde há o predomínio da angústia, ocorrem influências sexuais que têm em comum o fator da continência ou da satisfação incompleta, ou seja, o coito interrompido, a abstinência ao lado de uma libido viva, a chamada excitação não consumada.

É então no âmbito das neuroses atuais que a droga, enquanto um “vício”, serve de substituto da falta de satisfação sexual, diferentemente da modalidade das psiconeuroses. “Entregue a si mesmo, -escreve Freud- o masturbador está acostumado, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retornar a sua cômoda forma de satisfação”. Portanto é necessário propiciar ao paciente meios para a obtenção da satisfação sexual, “pois tudo o que bloqueia a satisfação é danoso”(1898).

Na leitura freudiana a inserção na civilização pelo trabalho, fosse intelectual ou outro, era uma proteção à neurose, à neurastenia. As pessoas adoecem “porque durante todo o tempo negligenciaram e prejudicaram flagrantemente a sua vida sexual” (1898). Podemos ler aí a busca de harmonia entre a representação e a libido física, a busca da relação sexual.

Freud não recomendava, em se tratando das neuroses atuais, a experiência analítica. Naquela época ele propôs a “fórmula de que a angústia é sempre a libido que foi desviada de seu emprego normal” (1898).

No artigo *O mal-estar na civilização* (1930) a droga aparece como a solução mais embrutecida e ao mesmo tempo mais eficaz ao mal-estar da civilização, “o método mais tentador de conduzir nossas vidas”. Essa busca de uma satisfação irrestrita de todas as necessidades significa “colocar o gozo antes da cautela”. “Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos”(1930).

Interessa-nos extrair dessas colocações o valor da droga enquanto solução que tira do jogo a castração. É nessa na mesma perspectiva que Miller propõe ser a toxicomania menos uma solução ao problema sexual do que a fuga à colocação da questão (Miller, 1989).

Na *Seção de Encerramento da Jornada de Estudos dos Cartéis da Escola Freudiana* (1975), Lacan faz uma articulação precisa entre o uso da droga pelo sujeito e a angústia, trazendo a proposição de que a castração é o que nos libera da angústia. Mantendo a dimensão da constituição do sujeito, localizará a angústia precisamente no momento em que o “pequeno bom homem” “apercebe-se de que está casado com o seu prolongamento” (queue), “é o que se chama geralmente pênis ou *pine*, e que se infla ao se perceber que não há nada melhor para fazer falo. Contudo, -prosegue Lacan- “se há alguma coisa nas *Cinco Psicanálises* que é para nos mostrar a relação da angústia com a descoberta do pequeno pipi”, “é porque eu falo de casamento que eu falo disso; tudo o que permite escapar a esse casamento é evidentemente bem vindo, de onde o êxito da droga, por exemplo; não há nenhuma outra definição da droga que esta; é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi.”

Lacan fornece aí duas saídas para o fenômeno da angústia:

- pela fobia, na qual o sujeito encontra uma representação imaginária, que possui uma referência no mundo, pondo em evidência o gozo fálico, (Gφ);
- pela droga, quando vai buscar no mundo, seu modo de gozo, através da substância, rompendo assim com o gozo fálico, (Gφ).

Ao se referir a Hans no *Seminário R.S.I* (1974/1975) Lacan nos diz ser "... explicitamente a angústia isso que, do interior do corpo, ex-siste, quando há alguma coisa que o desperta, que o atormenta". Quando o sujeito se dá conta de "ser sensível à associação com um corpo, ali, explicitamente macho, definido como macho, associação a um corpo de um gozo fálico". "Se Joãozinho se lança na fobia, é evidentemente para dar corpo ao embaraço que há neste falo, e para o qual ele se inventa toda uma série de equivalentes diversamente escoiceantes sob a forma de fobia aos cavalos". O animal fóbico, representando o falo, o $G\phi$, é algo do qual é preciso que o sujeito tome distância. Ele conclui que "Hans, como todos aqueles que têm este estrupício, o penduricalho, terão que se acomodar com isso, ou seja, casar-se com esse falo." (R.S.I. 1975)

Assim "a angústia é justamente algo que se situa alhures em nosso corpo, é o sentimento que surge dessa suspeita que nos vem de nos reduzirmos ao nosso corpo" (*A Terceira*, 1975).

A perspectiva lacaniana portanto aponta o fenômeno da angústia enquanto um sinal para o sujeito da presença invasiva do objeto, da demanda do Outro, que não pode falhar, enquanto o sujeito se pensa na exigência de ter que apagar os seus limites, entregando-se-lhe de forma incondicional, fazendo-o seu prolongamento, não havendo aí representação.

É importante observar que se Lacan não dá uma definição do toxicômano e sim da droga, essa definição se localiza a partir da constituição do sujeito. É num momento da dialética entre o sujeito e o Outro em que o "sujeito-criança", percebe que está casado com o seu queque, o seu prolongamento (Lacan, 1975), algo que ele representa como uma parte de si (Hans com seu pequeno pipi, a criança com o chupar dedo). Lacan vai localizar a angústia, "precisamente" na percepção de que está casado com o falo. A angústia aparece no momento em que o sujeito se dá conta de que sua existência está inextricavelmente enlaçada a um Outro demandante. O que o "angustia é o império do demanda da mãe". Ele descobre que não pode saciar a demanda da mãe com respeito à sua falta fálica. Se ele satisfaz essa demanda de falo, vira o objeto, fica na posição de ser engolido. "A mãe se torna potência" ameaçadora, "sem lei, que vai e vem", (Miller, 1995) à sua revelia. O sujeito que se constitui num primeiro tempo nesse engano, de ser o falo, num segundo tempo se dá conta desse engano, de que não há esperança de que esse Outro se complete com ele, de que esse projeto de lhe fazer de falo é um engodo. Ao mesmo tempo em que se vê absorvido pelo gozo presente nesse imperativo da demanda do Outro, percebe que é insuficiente com relação à falta do Outro. Ela não se identifica

com esse lugar de falo imaginário da mãe, como ocorre na perversão. O rompimento o permite sair do império da mãe, com o império da demanda do Outro (Maria Luiza 1999).

Daí o sucesso da droga “que vai aparecer como o outro modo de liberação da angústia”(Lacan, 1975).

Ao romper com o Outro, toxicômano vai buscar o seu objeto de satisfação na cena do mundo, conferindo à droga o valor de objetos de intercâmbio, cotáveis. Na medida em que acredita existir no mundo um objeto que se presta bem a atender a sua necessidade, a droga ganha estatuto de objeto da necessidade a mais imperiosa, do qual ele obtém uma satisfação, sendo uma exigência de satisfação tão forte que pensa que não pode renunciar. A droga vira o seu prolongamento, acredita ser isso que o causa e acredita também não depender do consentimento do Outro.

“Como nos diz Lacan”, esta saída de cena, esta partida errante para o mundo puro”, permite “introduzir a relação essencial da angústia à ação como tal”, pois “é justamente talvez da angústia que ação toma emprestada a sua certeza”. “Agir é arrancar da angústia sua certeza, havendo aí uma transferência de angústia” (Lacan, 1962-1963).

No entanto, rompimento com o Outro se dá então nessa dialética que aponta ao um vazio que ele não pode suportar. É enquanto resposta à castração do Outro que o toxicômano responde com sua solução de ruptura. É a possibilidade de se constituir nesse vazio que lhe permitiria dividir-se e se interrogar sobre a sua posição no desejo do Outro. A função angustiante está ligada ao fato de que o sujeito não sabe qual objeto a ele é no desejo do Outro. “Esse Outro, antes de saber o que isso quer dizer, minha relação com o seu desejo, quando estou na angústia eu coloco esse Outro inicialmente aí”, como (Lacan, 1962-1963).Lacan nos ilustra com o exemplo do louva-deus.

Então, se localizamos a toxicomania no intervalo entre o gozo fálico e o rompimento com este, é possível entender a constatação tão comum nesta clínica de que o toxicômano tem muita angústia, e que esta ocorre com grande intensidade após o período de abstenção da droga, já que a demanda de tratamento permite ao sujeito restaurar sua relação tão problemática com o Outro.

Assim, tanto em Freud quanto em Lacan encontramos indicadores de que o objeto droga pode funcionar numa dimensão em que não está em causa a implicação com o desejo e com o objeto mais-de-gozar. As formulações de Lacan em 1975 situam o objeto a mais de gozar como um gozo obtido a partir da castração, resultado da função fálica, ϕ , portanto enquanto um gozo liberado da angústia.

Ainda no Seminário da *Angústia*, Lacan ressalta que o desejo vai se constituir na medida em que a angústia seja ultrapassada e que seu ultrapassamento só ocorre

quando, na operação analítica, o Outro pode ser nomeado. O ato analítico, diferentemente da passagem ao ato e da ação de se drogar, possibilitaria “levar as coisas além do limite da angústia”, ao permitir o surgimento do espaço do desejo do sujeito (Lacan, 1962-1963).

Referências bibliográficas

1. FREUD, Sigmund, *A sexualidade na etiologia das neuroses*, (1898). Em primeiras Publicações Psicanalíticas. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, Volume III, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, Primeira edição, agosto de 1977.
2. _____ *Contribuições a um debate sobre a masturbação* (1912). Em, O Caso de Schereber. Artigos sobre Técnica. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, Volume XII, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, Primeira edição, agosto de 1977.
3. _____ *O mal-estar na civilização. O Futuro de uma Ilusão o Mal-estar na Civilização.*(1927-1931). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, Volume XXI, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, Primeira edição, agosto de 1977.
4. MILLER, Jacques-Allain, *Clôture*. Em *Le toxicômana et ses thérapeutes*. Analytica 57. Navarin Éditeur, Paris, 1989.
5. LACAN, J. – *O Seminário R.S.I*, Livre XXII, 1974/1975, Inédito.
6. _____ *La tercera*. Intervenciones y Textos 2, 1974. Ediciones Manantial, Argentina, 1988.
7. MILLER, Jacques-Allain, *A lógica na direção da cura. Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano*. COPYRIGHT@, 1995.
8. LACAN, J. – *Le Séminaire livre X, L'angoisse*. Éditions du Seuil, Paris, 2004.